

AGOSTO A GOSTO DO CONSUMO: festividades, sociabilidades e os consumos na/da cidade de Montes Claros/MG ¹

AUGUST TO TASTE OF CONSUMPTION: festivities, sociabilities and consumption in/of city of Montes Claros, Brazil

Gustavo Souza Santos ²

Resumo: *As festividades populares urbanas são marcos de celebração do cotidiano por meio da ritualização e expressão da experiência social. A cidade é simultaneamente reduto reificado dos objetos e afetos do festejar e materialidade sensível de sua consumação. Práticas de consumo atravessam as expressões festivas, seja pela oferta de produtos que potencializa sua fruição, seja pela afecção promovida nos signos do encontro e da coletividade. Isto permite ajuizar que nas festas consome-se na cidade, mas também a própria cidade - a saber, seus ideários, suas utopias, significados e devires. Esta perspectiva é explorada neste trabalho, cujo objetivo foi analisar as práticas de sociabilidade associadas aos consumos na/da cidade, a partir das Festas de Agosto de Montes Claros/MG. Por meio de percursos autoetnográficos e na perspectiva de intimate insiders realizadas em 2023 e em 2025, foi possível imergir sobre as potencialidades de uma celebração híbrida, sincrética e plurissignica, tendo o consumo por diapasão. Se as festividades são observatórios potentes dos significados que mobilizam e animam a urbe, o consumo é um importante elemento adjutor e tradutor de seus processos e ritos.*

Palavras-Chave: Consumo. Festa. Cidadinidade.

Abstract: *Urban popular festivities are landmarks in the celebration of daily life through ritualization and the expression of social experience. The city is simultaneously a reified stronghold of objects and affects of celebration and the sensitive materiality of its consumption. Consumption practices permeate festive expressions, whether through the offering of products that enhance their fruition, or through the affection promoted in the signs of encounter and collectivity. This allows us to help what is consumed in the city during the festivities, but also the city itself – that is, its ideals, its utopias, meanings, and becomings. This perspective is explored in this work, whose objective was to analyze the practices of sociability associated with consumption in/of the city, based on the August Festivals of Montes Claros, Brazil. Through autoethnographic journeys and from the perspective of intimate insiders conducted in 2023 and 2025, it was possible to delve into the potentialities of a hybrid, syncretic, and multi-signic celebration, with consumption as its guiding*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho *Consumos e Processos de Comunicação*. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Doutor em Desenvolvimento Social (Unimontes) e doutorando em Comunicação Social (UFMG). Professor das faculdades de Comunicação Social/Publicidade e Propaganda e de Arquitetura e Urbanismo da Afya Montes Claros. Pesquisador associado do Núcleo Cidadino (Unimontes) e do Escutas (UFMG). E-mail: gustavo.ccpv@gmail.com.

principle. If festivities are powerful observatories of the meanings that mobilize and animate the city, consumption is an important element that aids and translates its processes and rites.

Keywords: Consumption. Festivities. Citadinity.

1. Introdução

Montes Claros, montesclareou
Meus olhos cegos de poeira e dor
Tudo é previsto pelos livros santos
Que só não falam que o sonho acabou
A marujada vem subindo a rua
Suores brilham nos rostos molhados
Agosto chega com a ventania
Cálice bento e abençoado
A dor do povo de São Benedito
No mastro existe para ser louvado³

Festejar é consagrar tempo e espaço em uma medida que escapa à linguagem e aproxima diferentes sujeitos e coletividades de sua condição e devir. Festejamos para que a realidade caiba, festejamos porque o tempo e o espaço em si mesmos não bastam à demanda existencial corriqueira, festejamos com o que há de residual do choque entre identidade e acontecimento, festejamos para aplacar ou ao menos direcionar o desejo impermanente que designa a vida e o viver, encerrados em significantes históricos produtivos e (des)ordeiros do social.

A festa é este acontecimento misterioso e indissociável da humanidade que fascina os sentidos, afina os afetos e desafia constructos de civilidade que domesticam e disciplinam os corpos (Bezerra, 2008; Magnani, 2003). A festa também é uma odisseia de significados, ritos e afetos que reafirmam a constituição dos sujeitos e seus meios e, portanto, um epítome contemporâneo da sociabilidade humana (Amaral, 2000; Priore, 2000).

Festividades e celebrações são depositárias de mecanismos simbólicos e rituais de diferentes grupos para superar distâncias entre indivíduos, estimular uma unidade coletiva atribulada e subverter algumas das normas vigentes (Durkheim, 2001). Desse modo, a festa é capaz de, em sua duração e potencialidade, reafirmar crenças coletivas e revigorar os laços e lastros dos sentidos comunitários, capazes de gerir o real, opondo-se radicalmente ao que dissolve ou aparta a sociabilidade (Amaral, 2000; Durkheim, 2001).

³ Trecho da canção *Montesclareou* (1980) composta pelos montes-clarenses Tino Gomes e Georgino Júnior em homenagem à cidade de Montes Claros/MG, tendo por paisagem as tradicionais Festas de Agosto.

A experiência festiva é marcada por transe, partilhas e fabulações. Os transe se dão na potencialização dos afetos e signos do ócio que, no campo sensorial, permitem aos sujeitos desaparecerem no coletivo para dobrar a ordem e dela gozar (Bezerra, 2008; Guarinello, 2001). As partilhas se dão nos comuns costurados na individualidade e que ganham na solidariedade micropolítica um sentido de crença coletiva que afugenta o ideário produtivista da vida (Amaral, 2000; Guattari; Rolnik, 1996; Sodré, 2014). E as fabulações se encontram nos percursos (Jacques; Britto, 2012), corpografias (Nascimento, 2016) e coreopolíticas (Lepecki, 2012) da festa, que atualizam passado no presente e constroem futuro entre memorabilias que encerram materialidades e sensibilidades da cultura.

Isto permite ajuizar que a festa é um elemento indiciário da cultura e, consequentemente, viço semântico do que constitui os elos do pertencimento e do laço. Estes por sua vez se fazem a partir de cenografias e lugaridades e a cidade é um dos lócus de profusão de celebrações que dão conta da linguagem e da expressividade da sociabilidade (Fernandes, 2001). Ora, a historiografia das cidades já revela que antes de sua elaboração como residência, esta foi um ponto de encontro e de intercuro para toda sorte de relações se plasmarem (Lefebvre, 2000; Mumford, 2001).

A cidade se consolidou historicamente como um espaço de transações, produção, obras e de festas (Lefebvre, 2000). Isto é, as celebrações consolidaram a noção socioespacial da cidade, na medida em que efetivava seus múltiplos encontros (Costa, 2012). E estas cerimonialidades se dão no afluxo e no amplexo da festa. Portanto, a festa é germe da cidade (Amaral, 2000). Ao mesmo tempo, no decurso dos tempos, as festas tornaram-se redutos e rituais de revigoração e libertação da ordem produtiva da cidade, frequentemente dividida socialmente entre atividades sérias (Amaral, 2000) e frivolidades (Prythion, 2014).

Desse modo, as festas se ancoram como mediadores culturais de pujança histórica (Priore, 2000) e contemporânea (Magnani, 2003). Espaços, sujeitos, imagens e afetos são conjugados entre materialidades e sensibilidades em um tipo de dispositivo que emancipa o corpo e a consciência da ordem produtiva e permitem no lazer a criação de uma lugaridade efervescente. E este prospecto se dá a partir da consolidação de uma experiência comunicativa calcada nos sentidos do encontro, na memorabilia da cultura material e na expressividade do corpo livre e em festa.

O consumo é uma prática radical na exploração das rotas entre espacialidades, lugaridades e sociabilidades (Santos, 2024, 2025a, 2025c; Trindade; Annibal, 2011), logo

possui caráter celebrativo (Perez, 2020; Trindade; Perez, 2014). Na materialidade e na sensibilidade festiva, práticas de consumo são elementos coadjuvantes, fornecendo capilaridade para as trocas, partilhas e gozos do ócio. Ao passo que as linguagens da comunicação e consumo produzem textualidades e visualidades que medeiam a experiência da festa.

Assim, esta proposta se abeira da ritualidade e da espacialidade festiva para investigar consumos e processos comunicacionais associados. Questionamos o regime de sentidos e as coimplicações do caráter patrimonial de festas populares diante da produção capitalista do espaço (Bezerra, 2008), das enunciações publicitárias ante à embalagem do (novo) sistema (Arruda, 2015; Pompeu; Domingues, 2025) e das maneiras de fazer-cidade ancoradas às práticas de consumo (Santos, 2024, 2025a, 2025c) tendo por campo e cenário as Festas de Agosto de Montes Claros/MG.

As tradicionais Festas de Agosto montes-clarenses compreendem a mescla sincrética e convivial de cultos afrodescendentes e católicos com incursão do congado mineiro, cujos primeiros registros datam de 1829 (Paula, 2025; Queiroz, 2005a). As festividades se constituem de uma bricolagem estético-sônica religiosa, social e afrodiaspórica (Malveira, 2011; Peixoto; Brandão, 2016), fazendo emergir anualmente em agosto territorialidades festivas e culturais que preenchem o significante urbano de uma pujança que (re)atualiza os sentidos e sentimentos de pertencimento locais e regionais (Costa, 2017, 2021; Souza; Laurentiz, 2022).

Adiciona complexidade à paisagem cultural das festas, a realização simultânea do Festival Folclórico de Montes Claros criado em 1983 por iniciativa da administração pública e capitaneada pela Secretaria Municipal de Cultura (Montes Claros, 1983; Souza; Laurentiz, 2022). O festival compreende programação de shows musicais, espetáculos de dança, exposições visuais e mostras audiovisuais radicadas no centro histórico da cidade, constituindo-se de estruturas temporárias que incluem espaços alimentares. Há ainda a exploração comercial de empreendimentos de lazer adjacentes na oferta de apresentações musicais e serviços de bar.

Tal contexto complexifica a leitura das festividades por dois fatores. Inicialmente, o imaginário popular lê de forma unificada as celebrações tradicionais e o festival popular. A seguir, duas tipologias de consumos emergem no trato do evento, um consumo conspícuo à

festividade entre estabelecimentos e suas ofertas no espaço da cidade e um consumo simbólico e fabular da cidade e sua cultura.

Isto permite ajuizar que nas festas consome-se na cidade, mas também a própria cidade - a saber, seus ideários, suas utopias, significados e devires. Logo, o objetivo deste trabalho foi analisar as práticas de sociabilidade associadas aos consumos na/da cidade, a partir das Festas de Agosto de Montes Claros/MG. Por meio de percursos autoetnográficos e na perspectiva de *intimate insiders* realizadas em 2023 e em 2025, foi possível imergir sobre as potencialidades de uma celebração híbrida, sincrética e plurissígnica, tendo o consumo por diapasão.

Inicialmente, contextualizamos a festividade, a montagem do *corpus* e a envergadura do método, indicando os pressupostos de campo e sua visada comunicacional. A seguir, destacamos as práticas e rituais de consumo festivos na cidade. E, por fim, apresentamos os gestuais e perspectivas do consumo da cidade, a partir da experiência da festa. Este desenho permite elucidar os consumos e as mediações que nos signos da festa e da celebração, desvelam os sentidos que produzem a cidade e suas gentes.

2. Agostos festivos, a gosto do consumo e do método

É mês de cores na avenida!
Fitas e fitas no céu de agosto [...]
Meu corpo é fita
Meu corpo é festa [...]
É mês de agosto⁴

Agosto é um mês popular entre montes-clarenses natos, radicados e migrantes. A ventania típica do desenvolvimento do inverno brando na região é o prenúncio das festividades que virão. O arrepio do vento gélido instala as festas primeiro no corpo, que logo trata de se encarnar nas pedras da cidade entre as testemunhas edificadas da história local, entre fitas e estandartes multicores. A cidade, ao ser vestida, deixa desnudos os afetos de seus filhos que de perto e de longe precisarão cobrir-se com a festa (Figura 1).

⁴ Trechos da canção *Mês de Cores na Avenida* interpretada pela banda montes-clarense *A Outra Banda da Lua*.



FIGURA 1 – Fitas decorativas tradicionais das Festas de Agosto em Montes Claros/MG
FONTE - Festas (2018).

Os festejos atravessam nascidos, criados, naturalizados e migrantes da cidade. Estes últimos retomam religiosamente à cidade para celebrar uma origem que parece gritar e um pertencimento que não se apaga, mas demanda novo vigor pela cerimônia. Trata-se de uma celebração cuja expressão espaçotemporal atravessa a paisagem urbana e cultural, promove e atualiza territorialidades episódicas e festivas e costura tempos seculares, memórias, tradições e modernidades.

O cenário desta expressão é Montes Claros/MG, uma cidade média da mesorregião Norte do estado de Minas Gerais com um conjunto populacional de 437.601 habitantes (IBGE, 2025), dotada de policentralidades (França; Barbosa; Santos, 2024) e de pendularidades (Pereira, 2007), o que adiciona um afluxo de pessoas, negócios e expressões à conjuntura urbana. O retrato conjuntural é de uma cidade adensada de fluxos internos e externos, adicionando camadas de sociabilidade e intercâmbio regional.

A historiografia testemunha: a paisagem cultural norte-mineira e montes-clarense é composta pelas confluências de marcas sócio-históricas de diferentes vetores. Territórios e territorialidade indígenas, quilombolas e de comunidades tradicionais se fundaram entre assonâncias, dissonâncias e consonâncias aos processos de exploração bandeirante, à pujança religiosa católica, às rotas comerciais tropeiras e ao desenvolvimento urbano induzido (Brito, 2014; Costa, 2017, 2021; Leite; Soares, 2018; Malveira, 2011; Paula, 2025; Pereira, 2007), produzindo espacialidades resistentes e resilientes.

A cartografia sociocultural montes-clarense é, portanto, marcada de rugosidades, bricolagens e camadas que, sobrepostas, evidenciam em panorama uma efervescência que reivindica a memória das origens populares resistentes e, em microescala, revelam a produção de sentidos e de práticas de sociabilidade que reverberam tradições e as ressignificam com suas reinvenções. Portanto, o encontro, a festa e a cerimônia são atividades simultaneamente fortuitas e rituais daqueles que portam o gentílico por nascença, escolha ou circunstância.

As Festas de Agosto de Montes Claros/MG se constituem de uma confluência histórica entre o culto afro-brasileiro na perspectiva do congado, sob a influência cristã católica (Malveira, 2011; Peixoto; Brandão, 2016). O congado reúne elementos territoriais, memoriais e artístico-culturais afrodiaspóricos transplantados para o estado mineiro no período colonial, cuja influência religiosa hegemônica originou derivas de culto, instaurando uma manifestação cultural popular brasileira de pujança e resistência (Martins, 1988; Martins, 1997, 2003; Queiroz, 2005a)

A origem dos festejos tem seu primeiro registro formal feito pela Câmara Municipal de Montes Claros em 23 de maio de 1829 (Paula, 2025). Entretanto, a oficialidade é atribuída apenas a partir de 14 de agosto de 1884, quando a autoridade católica autorizou e legitimou o culto popular dos santos negros, sendo-lhe uma supervisora permante (Malveira, 2011). Assim, a festa se erigiu como uma manifestação sincrética e híbrida, conjugando cultos de base católica, reminiscências africanas, base popular e práticas profanas (Figura 2).



FIGURA 2 – Cortejos das Festas de Agosto
FONTE - Festas (2025).

Uma epopeia cultural, religiosa e popular caracteriza a dinâmica das festas que sinaliza em sua realização não apenas os exercícios devocionais e anamnésicos, mas conclamam a celebração das raízes da formação cultural brasileira. Isto se dá pela representação dos três principais grupos folclóricos organizados dos festejos: catopês, marujos e caboclinhos. Os catopês sinalizam os povos negros, os marujos os colonizadores europeus e os caboclinhos, por sua vez, os povos indígenas. Os grupos se unem em culto e cortejo aos santos populares São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Divino Espírito Santos.

A expressão estético-cênica e a performance sônico-musical remetem a um constructo híbrido de religiosidade e heranças afro-brasileiras (Queiroz, 2005b; Malveira, 2011; Freitas, 2014), conjugadas pelo congado mineiro e arregimentadas pela identidade sócio-histórica de Montes Claros, sendo representados em desfiles pelas ruas e bairros de crescimento originário da cidade, seguindo por cortejos, bandeiras e levantamento de mastros. Atualmente, seis ternos compreendem as manifestações montes-clarenses (Figura 3), sendo três de catopês, dois de marujos e um de caboclinhos (Montes Claros, 2016; Queiroz, 2005a).



FIGURA 3 – Catopês, marujos e caboclinhos em Montes Claros/MG.

FONTE - Gouveia (2022) à esquerda e Leninha (2025) à direita.

No imaginário popular, as Festas de Agosto designam um único movimento festivo e cultural da memória da cidade. No entanto, a sazonalidade aponta duas frentes distintas. O que se compreende como Festas Agosto são os cultos religiosos e folclóricos de matriz sincrética do catolicismo romano e de expressão afrodiaspórica de base popular seculares (Brito, 2014). Mas há ainda o Festival Folclórico de Montes Claros (Figura 4), iniciativa quadragenária da administração pública que abarca apresentações musicais e multiartísticas com infraestrutura de consumo (Souza; Laurentiz, 2022). Ambos figuram indistintamente na percepção popular ampla como as Festas de Agosto.



FIGURA 4 – Festival Folclórico de Montes Claros
FONTE - Tempo (2025)

As festividades ocorrem anualmente ao final da primeira quinzena de agosto. Os cortejos tradicionais são realizados pelos ternos de segunda a domingo em programação difusa e em rotas que articulam vias históricas da fundação da cidade e lugaridades de produção e resistência dos grupos. Já o Festival Folclórico possui programação de quarta a domingo, concentrando-se sobretudo no largo da Praça da Matriz, em seus equipamentos culturais e edifícios históricos. Em diversos momentos ambas as celebrações se encontram, uma vez que o espaço do festival é uma das rotas finais dos ternos.

Esta pesquisa se concentrou sobre as práticas de consumo, espacialidades e sociabilidades festivas das Festas de Agosto e do Festival Folclórico de Montes Claros, elegendo por corpus-território as vivências e experiências de sujeitos-foliões feitos sujeitos-consumidores⁵. As festividades populares e urbanas são expoentes de encontro e o consumo é um marcador de base para sua operacionalização, não se restringindo a um arcabouço meramente transacional, mas como expressão sociocultural e identitária (André, 2003; Barbosa; Campbell, 2006; Fontenelle, 2017). Desse modo, buscamos capitular pela

⁵ Os sujeitos-foliões designam aqui aqueles que participam dos festejos ativamente e que, sob o emblema das práticas e rituais de consumo, são também sujeitos-consumidores - sujeitos que vertem de si no espaço e no consumo (Santos, 2025c).



observação e a descrição interpretativa os atravessamos entre a cidade em festa e os consumos que se estabelecem na e da cidade nesse contexto.

Metodologicamente, apropriamo-nos da etnografia de base urbana, ancorada em um modo de fazer pesquisa que considera a cidade a partir de suas múltiplas escalas como um significativo vazio que é preenchido de significado não apenas pelas operações em macroescala, mas sobretudo pelo regime de sentidos ordinários dos sujeitos e seu fazer-cidade (Agier, 2011, 2015). Para tanto, adotamos uma perspectiva de perto e de dentro (Magnani, 2002) que considera a pesquisa como exercício de bricolagens e afeito às sensibilidades que sujeitos, fenômenos e objetos carregam.

O campo de investigação se concentrou nas imediações de extensão e represamento dos festejos no que tocam atividades artístico-culturais, memoriais e de consumo: o Largo da Matriz e o Corredor Cultural Padre Dudu. Estas espacialidades compreendem a Praça Dr. Chaves e as ruas Dr. Veloso, Dona Eva, Justino Câmara e Cel. Celestino, todas pertencentes ao bairro Centro. Tais espaços são equipados com infraestrutura pública e têm o trânsito interrompido para pleno exercício das celebrações.

As festas se concentram no núcleo histórico do Centro da cidade, bairro de ocupação histórica, marcado pelos fluxos socioeconômicos da área comercial e entrecortado por manchas residenciais (Figura 5). A paisagem urbana da área é marcada, portanto, por materialidades do consumo e do comércio, edifícios históricos e patrimoniais e residências de fixação que remontam às origens de formação da cidade.



FIGURA 5 – Centro de Montes Claros e núcleo histórico em detalhe

FONTE - elaborado pelo autor (2026).

Para este pleito, assumimos como postura de pesquisa os pressupostos de entender a pesquisa como atividades intempestiva e encarnada (Sennett, 2014), no qual o corpo do pesquisador é parte da interlocução da pesquisa, assumindo a vulnerabilidade metodológica (Saraiva, 2023) como matriz de sujeitos não meramente pesquisadores, mas sujeitos em pesquisa (Pessoa, 2023), dispostos a experienciar a carne do mundo (Castro, 2020), descrevendo-a, descobrindo-a e interpretando-a.

A corporeidade em método e pesquisa foi baseada no fazer etnográfico das andarilhagens, caminhadas e *flâneries* pela festa. Isto, as caminhadas foram atividades fundantes na construção investigativa, de modo que a contemplação sensorial e o atravessamento afetivo do corpo permitisse a capitulação do fenômeno. Assim, elegemos a perspectiva da deambulação (Benjamin, 2007, 2023) - caminhada contemplativa que recusa o tempo, a norma e o produtivismo - e da deriva (Debord, 2006) - caminhada ativa, exploratória e subversiva - como meios de situar a pesquisa e sua coleta de dados.

A pesquisa foi realizada nos anos de 2023 e 2025⁶ durante os festejos, optando por atividades de campo entre quartas-feiras e domingos, dias de maior fluxo e, portanto, de maior materialidade de dados. Para a coleta de dados, observações sistemáticas das espacialidades e sensorialidades do campo (Howes, 1991, 2013a, 2013b; Pink, 2009), assim como entrevistas não estruturadas. Em termos de método, dois percursos foram combinados: a autoetnografia e a etnografia urbana com a técnica de *intimate insiders*.

A autobiografia se estabeleceu como exploração proximal do corpus, a partir da vivência incorporada de seus contextos, buscando na sensorialidade comunicar a experiência (Denzin, 2017). Tal perspectiva se estabeleceu em perspectiva *on foot*⁷ (Ingold; Lee, 2016) e reservada às quartas-feiras, quintas-feiras e domingos, no qual a pesquisa foi realizada em solitude, de modo a contemplar pela caminhada e sentidos, o que cidade, consumos e festividades narram. Registros de campo foram realizados ao final de cada percurso para sintetizar os achados e repercuti-los.

O feitiço etnográfico compreendeu ainda o diálogo com interlocutores-chave privilegiados, adotando a técnica de *intimate insiders* (Taylor, 2011). Desse modo, selecionamos um grupo de sujeitos os quais acompanhamos livremente durante os percursos festivos, realizando suas atividades costumeira e estabelecendo linhas de diálogo no intercurso. Os diálogos assumem as vezes de entrevistas não-estruturadas, mais compreendidas na forma de relatos estimulados e espontâneos no decorrer da vivência partilhada que se torna experiência.

A dinâmica de *intimate insiders* prevê que pesquisador e interlocutores tenham contato prévio ao campo, a partir da partilha de algum grau de intimidade que permita proximidade investigativa. A seleção compreendeu dois grupos de sujeitos compostos por dois participantes cada, um reservado para as sextas-feiras e outro para os sábados - dias de maior fluxo e, portanto, maior atratividade e estímulo. Os sujeitos foram selecionados por

⁶ De 15 a 20 de agosto de 2023 e de 12 a 17 de agosto de 2025 foram realizadas a 182ª e 184ª edição das Festas de Agosto e o 43º e 45º Festival Folclórico de Montes Claros, respectivamente. A pesquisa não foi realizada em 2024 em função da indisponibilidade do pesquisador de participar presencialmente dos festejos, o que resultou em uma etnografia digital em Santos (2025b)

⁷ Os autores argumentam que a caminhada etnográfica - ou uma etnografia *on foot*, isto é, a pé - como uma atividade multissensorial em que a locomoção aciona rotas, desvela sentidos e experimenta no corpo as fruições, tensões e contrações do campo (Ingold; Lee, 2016).

conveniência ao contato prévio, por meio de explicação dos trâmites de pesquisa, seus procedimentos e concordância ética⁸.

Os sujeitos possuíam as idades de 27, 28, 30 e 32 anos, sendo dois homens e duas mulheres pardos, brancos e negros, compreendidos socialmente como classe média e profissionais liberais. O grupo mescla ainda sujeitos residentes na cidade que nunca migraram e outros que migram e/ou voltaram a fixar residência ou retornaram apenas para as festividades. Esta variedade permitiu mais amplitude de perspectivas entre os sentidos de pertencimento e suas lugaridades. O assentimento à pesquisa gerou interesse dos participantes pelo estudo, ao passo que aumentou a exigência ética de manutenção do anonimato e cuidado com os riscos inerentes à todas as pesquisas.

Os percursos junto aos interlocutores consistiram de idas às festividades como participações casuais em sua extensão de participação - caminhadas, socialização, comidas, bebidas, contemplações, shows e espetáculos - sempre no período noturno e com especial enfoque na relação entre consumo, cidade e festa. A coleta de dados foi realizada a partir de relatos espontâneos e questionamentos livres no decurso do festim, bem como sob a observação das vivências, analisada a partir da técnica de descrição densa (Geertz, 2022).

Em suma, os percursos autoetnográficos e na dinâmica com interlocutores tiveram por enfoque os enquadramentos e categorias da pesquisa: práticas de consumo e comunicação nas festas; vivências de consumo e comunicação nas festas e consumos da festa, da cidade e de produtos. A partir deste contexto, consideramos como postulado do estudo que o lazer e a festividade urbana revelam um duplo de práticas de consumo - o consumo na e da cidade -, capazes de enquadrar e traduzir as relações, ritualidades e afecções dos sujeitos no espaço e no ócio.

Entendemos aqui o consumo como um radical de vida que atravessa as platitudes comerciais e se constitui como um dispositivo sensorial, afetivo, cultural, identitário, expressivo (Barbosa, 2004; Canclini, 2006; Fontenelle, 2017; França, 2012; Lipovetsky, 2007; McCracken, 2010; Miller, 2013; Monteiro, 2004; Perez, 2020) e, mais diretamente neste estudo, cidadão (Santos, 2025b).

⁸ Os sujeitos foram informados com antecedência sobre os protocolos de pesquisa e assentiram sua participação por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Este estudo está regido sob os pareceres do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - Afya Montes Claros n. 4.524.033/2021 e n. 7.470.330/2025.

A partir da descrição autoetnográfica e no diálogo com os intimate insiders, passo a adotar a primeira pessoa do singular como voz de redação, relato e descrição, como o método inspira e requer. Reservo a terceira pessoa do plural - reconhecidamente mais neutra - para os momentos analíticos gerais fora do contexto etnográfico.

3. A festa e o consumo na cidade

Já que agosto chegou
Meu amor
Eu quero te encontrar
Fazer a nossa história acontecer
Já que agosto chegou
Meu amor
Eu quero te encontrar
Fazer a casa toda balançar⁹

Os ventos de inverno, as fitas no céu, os sons de tambores, o cheiro de cravo e canela e o gosto de pequi prenunciam agosto no sertão norte-mineiro e enunciam uma festividade quase mítica no imaginário regional. Estas máximas são compartilhadas e passionalmente evidenciadas por montes-clarenses de cá e de lá que não hesitam em destacar que a melhor época do ano chegou. A sazonalidade misturada a uma temporalidade episódica e heterotópica destacam que festa e espaço são desde longa data consubstanciais por aqui.

Antes do anoitecer, as ruas do centro da cidade são povoadas por fitas instaladas em cooperação pela população, órgãos culturais e representantes dos grupos folclóricos. A cenografia tórrida dos fluxos da zona comercial ganham contornos visuais que atraem muitos a registrar em fotografias a transformação da cidade que, pedregosa, enverga em cores como quem sorri. A tradição das fitas é interpolada ainda nas vitrines de lojas que coparticipam dos festejos, filiando-se aos signos do consumo.

No período diurno, uma porção de ternos tomam as ruas do centro vindo de bairros históricos da cidade em cortejo, atravessando vertiginosamente tráfego e ritmos urbanos ultravelozes por uma tradição de contemplação festiva, de demoras corporais que pisam, dançam e hasteiam como quem reocupa ritualmente as vias que antes foram fazenda, arraial e via. Os sons e cânticos ritmados nos passos e no desfile de cores de diferentes gerações reatualizam os passos resilientes da tradição.

⁹ Trecho da canção *Brilho de Leão* (2019) interpretada pela banda Rosa Neon, composta por Luiz Gabriel Lopes e Marina Sena, cantora natural de Taiobeiras/MG e radicada em Montes Claros/MG, onde sua carreira teve início.

As vias que irrigam o Largo da Matriz ganham paulatinamente estruturas viárias para desvios de trânsito, banheiros químicos, gradis e parafernalias para composição de palcos. Há um abarrotamento de outros tantos materiais que vão formar luzeiros, estandartes e sinalizadores. As barracas do chão de ferrolhos e lonas começam a ganhar corpo pouco a pouco, para mais tarde, por uma semana, portar o consumo de alimentos, bebidas e artesanatos.

Pelo menos cinco vias são entrecortadas e tem o trânsito interrompido para junto às áreas da Praça Doutor Chaves e o Corredor Cultural no Largo da Matriz se tornem um esteio das festividades. O cercamento da área confere curiosamente uma atmosfera de portal. Ao acessar por qualquer direção, há a impressão de entrar e sair em uma paisagem idílica e heterotópica. A acústica da região auxilia a percepção tornando abafada a percepção sonora quando se retira da área cercada, o que fortalece a experiência física de entre-lugar das festividades, o que pelos afetos e pelo consumo são ainda mais intensificados.

O anoitecer é a temporalidade deste campo. A beleza do entardecer róseo agostino é substituída pela noite tépida do inverno pouco rigoroso dessas bandas. Não obstante, as vestimentas dos frequentadores são compostas por agasalhos, sobreposições e botas. A entrada na festa é irrecusavelmente sensorial: luzes, cores, sons, cheiros, sabores e tatilidades. Acessar o espaço de festa é um rompante. A participação é inescapável. Se os sentidos invadem, a estrutura física atravessa e a festividade abraça.

Chego acompanhado dos interlocutores que aqui receberam os nomes de Ana, Bruna, Carlos e Daniel. Ana já destaca o fluxo intenso de pessoas, mesmo faltando alguns minutos para as 20h, horário que ela acredita ser o padrão para que as pessoas saiam de casa para os lazeres noturnos. A multidão admira Bruna, Carlos e Daniel que passam a comentar que, a despeito do que muitos dizem, o público não reduziu, mas parece se mostrar maior e mais diverso. Observo que o fluxo é marcado ainda por idas e vindas em todas as direções, de modo que os frequentadores circulam amplamente pelos espaços.

Os espaços de festa são um destaque e compõem um circuito não oficial de dois ambientes (Figura 6), ancorados pela praça da igreja matriz - onde se concentram as atividades oficiais do festival - e pelo Corredor Cultural - onde se concentra a programação alternativa, dos quais nos referimos como Circuito Matriz e Circuito Corredor¹⁰:

¹⁰ Embora os termos encontrem elaboração na pesquisa para operacionalizar a cartografia das festas, tais termos possuem lastro na partilha vocabular dos participantes da festa de forma extra-oficial. O campo revelou que



FIGURA 6 – Circuitos das Festas de Agosto: Matriz e Corredor
FONTE - dados da pesquisa (2023, 2025), elaborado pelo autor (2026)

O ambiente de maior área abrigada pela Praça Doutor Chaves é composta pelos palcos da festa, um deles reservado aos shows musicais maiores, localizado na lateral esquerda da igreja matriz. O outro fica ao centro da praça. Há ainda os espaços de barracas que formam uma área circular por toda a praça com espaços de circulação e permanência com mesas e cadeiras.

O Circuito Matriz, de maior extensão, é marcado por dois equipamentos específicos. O primeiro é o Centro Cultural que abriga mostras e exposições audiovisuais concomitantes aos festejos externos. O segundo é o Solar do Sertões, um bar, restaurante e espaço cultural abrigado em casarão colonial histórico regido pelo Centro de Agricultura Alternativa (CCA) da região. O Solar possui sua própria programação musical e gastronômica estando a uma distância maior dos palcos e maior fluxo da festa.

Bruna ri e comenta que esta área deve ser a mais familiar e, portanto, é o lugar dela como “jovem senhora”. Isto porque um maior número de famílias com crianças e adolescentes e/ou pessoas idosas ocupam as mesas e cadeiras naquela espacialidade. Carlos completa que eles vieram para bater perna mesmo e Daniel completa dizendo que precisam dar um pulinho no Corredor Cultural, área considerada mais jovial, mas antes coletam

alguns entusiastas da produção cultural local desenvolvem cronogramas de toda a festa e usam estes termos na comunicação festiva.

bebidas em um veículo utilitário de uma cervejaria artesanal autoral da cidade para seguir a caminhada.

Para acessar o Circuito Corredor, duas rotas são possíveis e ambas são marcadas pela intensidade de vaivéns daqueles que circula e trocam de espaços. Uma possibilidade de passagem é a Rua Justino Câmara, à direita da igreja, uma via mais tranquila e marcada por garagens com vendas de bebidas à revelia da regulação municipal. Mas há ainda a via à esquerda, na lateral do palco, um via mais estreita, ruidosa e cheia de obstáculos com calçamentos e banheiros químicos.

No caminho, todos encontram amigos, colegas de trabalho e conhecidos entre residentes e aqueles que migrantes, retornam para o proveito dos festejos. Todos portam bebidas. Copos plásticos com inscrições de cervejarias locais com chopps diversos, latas de cervejas e do mineiro Xequê Mate e ainda garrafas plásticas artesanalmente adesivadas com a bebida Gabriela - licor feito com cachaça, cravo e canela, iguaria característica das festas. Há ainda alguns que aproveitam as primeiras horas para se alimentar com a clássica combinação de arroz com pequi e feijão tropeiro.

Um ritual é tácito nos festejos e é reconhecido amplamente pelo público na faixa etária de Ana, Bruna, Carlos e Daniel. Caminha-se e circula-se extensivamente pelos circuitos das festas, abastecidos de bebidas e, às vezes, de alimentos adquiridos nas barracas e suas vitrines apetitosas. Uma regra não oficial parece ser se abastecer de produtos com menor expressão de marcas que não remontam regionalidade ou produtos mais caseiros e artesanais, uma espécie de consumo regional ético confesso.

Ao me dirigir com os interlocutores, todos encontramos pares e com conversas breves, há sempre a promessa de mais tarde nos encontrarmos novamente. A deriva na festa é intensa. A pedagogia do proveito é deambular. No caminho, obras de artesanato local com temáticas regionais chamam atenção. A essa altura, os sentidos são aturdidos pela miscelânea sensorial. Falamos mais alto, gastamos mais a voz, doem mais os pés, movimentamos mais o corpo e nos desviamos de outros foliões no trânsito liminar.

O Circuito Corredor recebe esse nome graças ao conjunto arquitetônico da área, o Corredor Cultural Padre Dudu¹¹, uma área marcada pela boemia no calendário regular e por

¹¹ O Corredor Cultural, como popularmente conhecido, compreende a Rua Cel. Celestino é um conjunto arquitetônico e urbanístico histórico de casarões coloniais aos fundos da igreja matriz (Silva, 2024). A via abriga ainda o Museu Regional do Norte de Minas (MRNM), o campus de ensino técnico da Universidade Estadual de Montes Claros, a sede da Secretaria Municipal de Cultura (Secult) e bares que no período noturno constituem a

eventos culturais livres. Ao chegarmos, Carlos destaca que chegamos no circuito alternativo, nomenclatura que foi reproduzida por publicações nas redes sociais pelos bares que ocupam a localidade. A área tem um fluxo mais intenso de ocupações pelos múltiplos palcos e postos de consumo de bebidas regulares e ambulantes. Daniel exclama que chegamos ao “carnaval”.

O Corredor Cultural tem atrações de natureza privada e capitaneadas por três estabelecimentos: a Casa de Augusta, a Cervejaria Mutt e o bar Dona Eva. Embora não sejam de iniciativa pública, a área recebe parte da infraestrutura de gradis e policiamento. Ritmos musicais afins ao samba e ao rock dividem a paisagem sonora junto aos ruídos e à cacofonia das multidões. Os espaços dos bares são pequenos e, portanto, a rua de ladrilhos históricos é a pista de consumo e sociabilidade dos foliões.

Destaco ainda que as práticas de sociabilidade se estabelecem como uma espécie de encontro-catarse. Residentes e migrantes que retornam se encontram, contam memórias antigas da cidade, partilham impressões sobre o evento, consome e vibram as atrações. Não raro, encontramos *outsiders*, isto é, visitantes convidados por migrantes montes-clarenses que vêm de capitais do Sudeste, Centro Oeste e Nordeste experimentar as “famosas Festas de Agosto” e o Norte de Minas.

Os circuitos da Matriz e do Corredor Cultural se mostraram como áreas insulares de consumo caracterizadas de forma extraoficial por pares antagônicos de tradição e modernidade, para convencionais e alternativos. Ao atravessar as barreiras físicas de estruturas e multidões, é possível transitar entre os espaços e tirar proveito de suas ofertas. Embora esses contrários existam, não são opositores, mas possibilidades de festejar sob escolha dos frequentadores.

A estrutura de consumo das festas inclui, sobretudo, os comes e bebes - pares indissociáveis de um festim à brasileira (Amaral, 2000; Certeau, 2014; Certeau; Giard; Mayol, 2012). É possível ainda observar as materialidades do artesanato como parte da paisagem cultural do evento. A tônica dos produtos oferecidos é predominantemente regionalizada, embora uma normativa ou uma contestação não existam. Observo uma preferência para celebrar certa mineiridade nas escolhas dos participantes.

Ana, Bruna, Carlos e Daniel preferiram chopps artesanais locais e a bebida Xequê Mate, um expoente mineiro popularizado nos últimos carnavais nacionais. Para a comida, o

paisagem boêmia da área. O espaço é palco de eventos culturais de iniciativa popular ou governamental durante todo o ano, portanto, é uma lugaridade clássica de produção cultural.



tradicional arroz com pequi domina o paladar e, em algumas apresentações é servido com a companhia de feijão tropeiro e carne de sol com mandioca em porções generosas. Em uma maior altura da noite, shots com Gabriela, cachaças e licores eram utilizados como brindes, sobretudo quando encontros espontâneos de amigos e conhecidos aconteciam.

Tomei parte das mesmas escolhas alimentares e destaco que a escolha é mediada pela paisagem cultural e da sazonalidade da cidade, de modo que as escolhas fazem parte de um rito ou performance de confessar a regionalidade ou de louvar os significados partilhados na festa. Embora algumas áreas sejam guarnecidas de assentos, a maior parte do público - e meus interlocutores - bebe e se alimenta em pé. É possível destacar que a vivência da festa é corpográfica, isto é, se desfruta enquanto se caminha ou enquanto não se demoram os pés (Britto; Jacques, 2012; Nascimento, 2016).

O fornecimento dos produtos é feitos pelas barracas com comerciantes independentes selecionados por chamamento público, mas de trajetória reconhecida em feiras livres locais conforme letreiros, placas e banners anunciavam. É possível observar comerciantes ambulantes em áreas mais afastadas da estrutura principal ou garagens improvisadas para venda de bebidas. Os bares fixos lançam mão de uma comunicação regionalizada mais intensificada, posto que esta é sua enunciação clássica ao longo do ano.

Nas andanças foi possível perceber ativações de marcas no contexto da festa com a distribuição de produtos promocionais ou comunicações visuais fixas, sobretudo de franquias de clínicas odontológicas locais. Daniel e Carlos rejeitaram as expressões marcárias, entendendo-as como anômalas às festas. Ana e Bruna se limitaram a lembrar de outras marcas que intensificaram comunicações digitais com o tema das festas e se apropriaram de seus signos principais.

Considerando os sentidos dos produtos consumidos, a partir da observação *in loco* e o contato com os interlocutores, é possível estabelecer a expressividade entre produtos e seus sentidos (Quadro 1):

QUADRO 1
Consumo de produtos e seus sentidos na festa

MAIOR EXPRESSIVIDADE	
Produtos	Sentidos
<ul style="list-style-type: none">• Cervejas artesanais locais• Xequê Mate e bebidas mineiras	<ul style="list-style-type: none">• Celebração da regionalidade norte-mineira e certa mineiridade

<ul style="list-style-type: none">• Cachaça regionais• Gabriela• Arroz com pequi• Feijão tropeiro• Baião de dois• Caldos• Espetinhos	<ul style="list-style-type: none">• Reparação anamnésica da cultura da cidade vivida na infância• Louvar as tradições com produtos clássicos em uma espécie de memorabilia alimentar• Brindes para celebrar amizades antigas, experiências passadas e novas socializações• Bebida para sustentar a andarilhagem da festa e a troca de ambientes em todo o circuito
MENOR EXPRESSIVIDADE	
Produtos	Sentidos
<ul style="list-style-type: none">• Cervejas de expressão nacional• Massas e risotos• Bolinhos e croquetes• Pastéis• Açaí e sorvetes• Acarajé• Tapioca	<ul style="list-style-type: none">• Opções convencionais para outros momentos do ano• Redução de custos• Alternativa ao paladar reativo aos produtos considerados regionais• Sustentação da festividade para públicos de paladar especial (crianças, adolescentes ou idosos)

FONTE - dados da pesquisa (2023, 2025), elaborado pelo autor (2026).

A maior expressividade é destacada pelos produtos que confessam maior regionalidade em sua consumação. A preferência é atestada pelas filas e consumos observados. Atesto que o deslocamento para a escolha de produtos, a escolha de cardápios, locais e preços é marcada por um gozo que prioriza um clima intersubjetivo da festividade em detrimento das razões mais lógicas do comportamento do consumidor. Desse modo, se desdobra um consumo confessional de base regional, enunciado um gozo que interpola os sentidos da festa, da cultura e da cidade como medida simbólica, ritual e fabular (Queiroz Filho, 2016; Tavares, 2018; Wisnik, 2016).

O Norte de Minas Gerais é caracterizado por territorialidades de resistência e vulnerabilidades, o que implicou em uma sub-representação política e cultural do imaginário sobre o estado e sobre a mineiridade hegemônica (Costa, 2017, 2021). Isto é demonstrado no campo com a cadência das conversas, lembranças, encontros e consumos calcados em certa celebração nostálgica que ganha acuidade no ensejo patrimonial das festas. Emergem, então, sentidos de consumos na cidade como reparação anamnésica (Brandão, 1998; Santos; Cunha; Pereira, 2018) da imagem norte-mineira e montes-clarense.

Nesse contexto, Ana destaca que as Festas de Agosto são feitas para comer arroz com pequi, tomar Gabriela e cantar *Desentoado*¹². Bruna, por sua vez, entende que muitos comparecem à festa entendendo-a como qualquer outra, o que desvirtua seus sentidos. Daniel concordou compartilhando goles de Gabriela com um grupo de amigos que se aproximaram. Carlos brinca afirmando que esse é o encontro oficial dos montes-clarenses, aludindo a muitos rostos que, morando longe, estão agora por perto.

Outra tipologia de consumo é calcada na arte. A música, as visualidades e os espetáculos preenchem os festejos e sua inclinação cria regimes pedagógicos de contato com a cultura que, em última instância, revigoram. Os interlocutores partilham que as festas criam um viço catártico em que cantar o cancionário regional e ouvir ritmos brasileiros revestidos de fitas e signos folclóricos são uma espécie de liturgia que transpõe o passado no presente para sustentar o futuro e o devir.

Para evidenciar mais os consumos, produtos e sentidos, é possível destacar ritualidades e temporalidades na festa (Quadro 2):

QUADRO 2
Ritos e temporalidades de consumo na festa

TEMPORALIDADE	RITOS	CONSUMOS
Inícios	<ul style="list-style-type: none">• Contemplar o horizonte da paisagem de estruturas, ornamentos, sons e visualidades• Caminhar a esmo observando a festa e as pessoas• Tomar parte com as primeiras bebidas, marcando os percursos	<ul style="list-style-type: none">• Bebidas (chopps artesanais, Xequê Mate e Gabriela)
Meios	<ul style="list-style-type: none">• Encontrar amigos e conhecidos planejados• Encontrar amigos e conhecidos (migrantes) espontâneos• Acompanhar shows e espetáculos• Socialização em grupos e rodas• Caminhar entre atrações cuja programação se conhece no contato e socialização• Alimentação de sustentação	<ul style="list-style-type: none">• Bebidas (chopps artesanais, Xequê Mate e Gabriela)• Alimentos de sustentação (espetinhos, bolinhos, pastéis, caldos, outros)• Alimentação principal (arroz com pequi, feijão tropeiro, baião de dois, outros)
Fins	<ul style="list-style-type: none">• Socialização em grupos e rodas• Diálogos sobre programações de	<ul style="list-style-type: none">• Bebidas (chopps artesanais, Xequê Mate e Gabriela)

¹² Canção do Grupo Raízes de 1974 que possuía integrantes montes-clarenses e ficou popular nos últimos anos por A Outra Banda da Lua, banda montes-clarense. A música é uma espécie de hino extraoficial da cultura e orgulho norte-mineiro.

	<i>afters</i> ¹³ e atividades dos outros dias <ul style="list-style-type: none">• Alimentação final, se necessário	<ul style="list-style-type: none">• Alimentação principal (arroz com pequi, feijão tropeiro, baião de dois, outros)• Artesanato (consumo pessoal ou presente)• Sanduíche “podrão” nas adjacências, caso o serviço das festas tenha sido encerrado• Outros consumos em <i>afters</i> em bares mais distantes, casas de show ou <i>petits comités</i>
--	---	--

FONTE - dados da pesquisa (2023, 2025), elaborado pelo autor (2026).

A caminhada é indissociável da vivência da festa e isto não se justifica apenas pelo tipo de apresentação artístico-cultural, mas no exercício corporal deliberado dos foliões de transitar entre ambientes para socializar e consumir. A festa é, portanto, corpográfica, feita de desenhos corporais perpetrados pelos sujeitos em um modo ambulatorial de festejar (Britto; Jacques, 2012). Este, por sua vez, é coreopolítico (Lepecki, 2012) cujo baile de transitar e consumir na multidão é uma coreografia política de reparar/ajustar a memória norte-mineira e montes-clarense e, pela ocupação, reivindicar sua manutenção.

As Festas de Agosto demonstram uma tipologia de consumo confessional, calcado de regionalidades e de toda sorte de expressividades que dela emergem, tendo o pano de fundo da cultura ali reificada. O consumo na cidade é afeito de espacialidades e lugaridades nos quais a prática ganha tónus e verte entre a máxima do desejo e da subjetividade (André, 2006; Rocha, 2006; Santos, 2025b; Teixeira; Couto, 2010). Contudo, a própria espacialidade é matéria da festividade e dos consumos associados, sendo esteio sensível para fabulação sensível da cidade, ampliando os sentidos da festa e da cultura (Rancière, 2009; Serpa, 2015).

Os percursos pessoais associados à partilha da festa com os interlocutores me revelaram uma faceta dos festejos que cria uma deriva entre o ócio, o lazer, a cultura, a cidade e a subjetividade. A festa em sua materialidade e sentidos é tida como matéria do desejo que em sua extensão confessa a dependência do encontro, do laço, do frívolo que aproxima (Brandão, 1989). E a cidade é o lugar cativo para que isto se opere (Canevacci, 2011; Castells; Borja, 1996). O consumo nesse contexto desempenha mais do que um papel

¹³ Termo que designa continuidades festivas após grandes eventos. Isto é, o *after* é uma festa ou encontro organizados ou improvisados para que não se encerrem os sentidos festivos no protocolo oficial, mas se prolonguem por novas durações.

circunstancial, mas cria um modo de navegação social permitindo que os sentidos e afetos complexos da festa se ancoragem às lacunas humanas intraduzíveis.

Festa, cidade e consumo cocriam um dispositivo fabular de gestão da vida e de organização do cotidiano na esfera da subjetividade. A primeira desnuda a lógica da produção e autoriza emoções e afetos a se exprimirem livremente. A segunda é o reduto ideal para esta expressão, uma vez que seus fixos e fluxos são testemunhas viventes da rotina e simultaneamente esteio livre para sua subversão. E o terceiro é a liga para esse processo, capaz de na instância do desejo tornar as afecções do divertimento traduzíveis na linguagem do corpo e da consciência em festa.

4. A festa e o consumo da cidade

Foi no batuque do catopê que eu firmei meu lugar
Solta na mata perto do rio o tambor de Naná
Se hoje eu sou forte eu posso dizer que firmei meu lugar
Tudo que gira na Terra eu girei pra cantar
Venho em suas terras só pra te mostrar
Que o fogo só queima se você deixar
E o Sol que me olha me trouxe pra cá
Pra ser¹⁴

Os festejos têm por cenário e epicentro da paisagem do centro histórico da cidade. Entre casarões coloniais, histórias transmitidas oralmente e a memória celebrada, há uma partilha sensível entre gerações, tradição e modernidade que combina cultura e cidade. A infraestrutura pública montada como suporte à segurança e viabilidade da festa se mistura a essa trama sensível, fazendo com que o espaço físico da festa se misture aos afetos ali detonados, permitindo uma flexão heterotópica (Foucault, 2001, 2013).

No percurso prévio à entrada da festa, ouço os ruídos abafados e que pouco a pouco vão se tornando mais intensos e o fluxo de transeuntes atravessando por entre carros que trafegam pelas vias abertas ao trânsito. A entrada inaugura uma espécie de portal que, considerando a ludicidade festiva (Amaral, 2000; Guarinello, 2011; Magnani, 2003), propõe uma experiência heterotópica avalizada pela multissensorialidade expressiva dos espaços.

Os espaços de festa - os circuitos anteriormente mencionados, as edificações e o senso de localização - por si mesmos se libertam do status de substrato para se tornarem matéria afetiva dos foliões. Ao se situar no ambiente festivo, os participantes flexionando suas

¹⁴ Trecho da canção *Batuque de Catopê* (2021) d'A Outra Banda da Lua e composta por Marina Sena e Matheus Bragança, radicada e natural de Montes Claros, respectivamente.

vivências a uma noção espacial ampliada. Isto é, não se trata de um reduto ou nicho, mas uma percepção clara e vivencial da cidade inteira como festa. Trata-se de um território alternativo (Haesbaert, 1997, 2002a, 2002b) de festa que, de modo episódico e sazonal (Santos, 2022), criam territorialidades festivas que renovam a noção da própria cidade sobre si mesma.

A partir das andarilhagens e do diálogo com os interlocutores, pude observar que a cenografia e a lugaridade das festas é reconhecida não apenas pela tradição repetida, mas pelos significados de oralidades e visualidades que, combinadas, criam um regime de sentidos e afetos que atravessam a materialidade do espaço. Festeja-se a cultura e a memória de origem da cidade, mas festeja-se ainda um ideário de cidade cuja apropriação a coloca em uma perspectiva consumível. Desvelamos então um consumo **da** cidade em festa (grifo nosso).

Este consumo da cidade se operacionaliza a partir de dispositivo citadino acionado pelos signos, sensibilidades e afetos da festa e seu conteúdo anamnésico. A festa é pulsão e emancipação do corpo subjugado pelos ditames morais e operacionais do trabalho, desencadeando na comunhão movimentos de abertura à partilha sensível coletiva (Amaral, 2000; Guarinello, 2001). A cidade é feita de fixos, mas também fluxos. Seu significante se realiza a partir dos significados que os sujeitos lhe conferem por meio da ocupação e da experimentação (Harvey, 2014; Lefebvre, 2016). É também a cidade um esteio de rugosidades que plasmam no presente memórias que se combinam aos sentidos dados pelos sujeitos nos usos e ocupações do espaço (Santos, 2002).

Desse modo, quando a pulsão festiva é detonada na cenografia sensível da cidade, os sujeitos passam a enxergar a materialidade como artefatos simbólicos de uma substância comum, partilhada no encontro festivo. Logo, os sentidos ordinários da vida cotidiana se embebem dos afetos e signos festivos, criando pulsões utópicas sobre a cidade cuja definição não é outra se não experimentação. Viver a festa no/do espaço é um exercício catártico de conceber ideias de cidade e fabular maneiras de tornar perene aquilo que se comunica cerimonialmente como realidade construída, de forma consumível.

A experiência da festa na cidade se articula a partir dos afetos, usos e ocupações de seus signos e materialidades como uma prática de consumo, calcada nas sociabilidades festivas, fazendo pensar em uma modalidade em que a cidade é consumida, ou melhor, suas noções, ideias, platitudes, imagens, sistemas, estruturas e processos. O consumo tácito na

cidade como elemento de navegação social amplia-se em um dispositivo citadino, cuja consumação se verte em formas novas ou outras de ver, viver e, logo, fazer cidade (Figura 7).

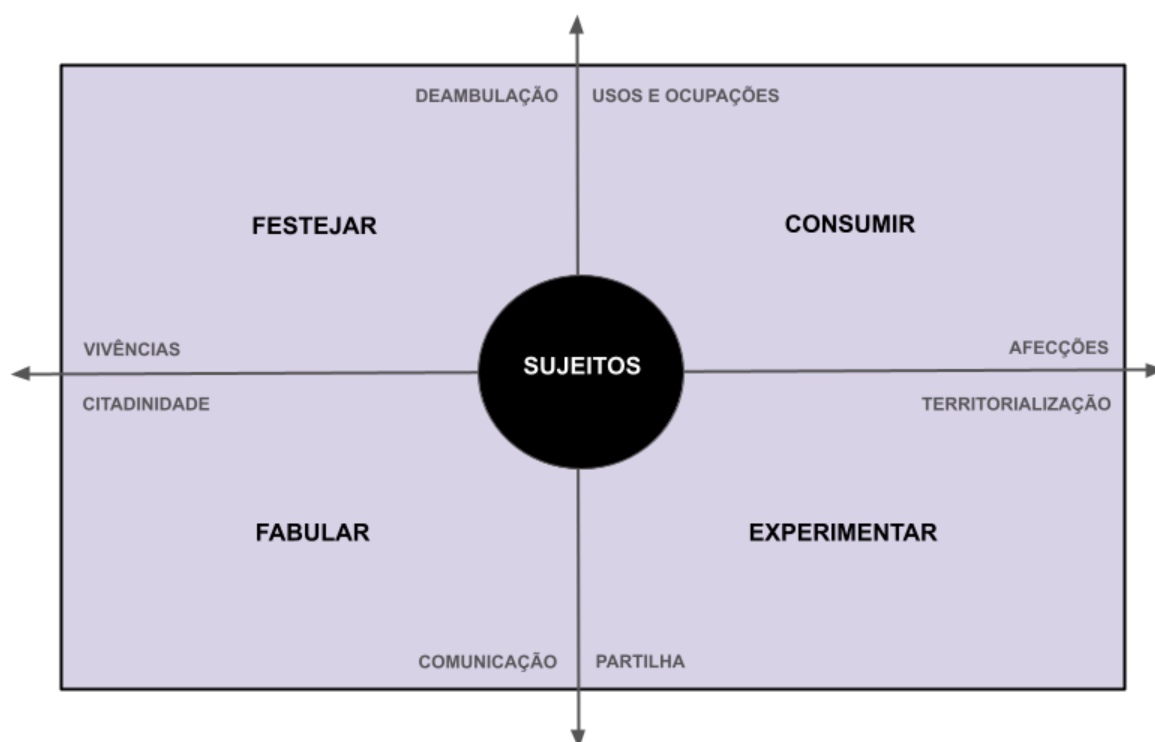


FIGURA 7 – Quadrante do consumo *da* cidade como dispositivo citadino
FONTE - dados da pesquisa (2023, 2025), elaborado pelo autor (2026)

O campo em seu contexto de observação e rede de interlocução demonstra a formação de dispositivo de cidadinidade ancorado em quatro dimensões do festa na/da cidade ligadas às práticas dos sujeitos em lastro, laço e coletividade: festejar, consumir, experimentar e fabular. Estas dimensões remontam às atividades dos sujeitos que, compartilhadas na sociabilidade da festa e celebradas nos signos do encontro que lhes são característicos, criam um percurso corpográfico e experimental de conceber a cidade em festa.

A dimensão do *festejar* reúne as motivações, atrações e significados associados à festa como a subversão temporária da capa produtiva e moral da cidade e o viço criado pelo encontro emancipatório do corpo e dos afetos. Ao festejar, os sujeitos trazem inexoravelmente suas *vivências* que logo se constituem substância de transferência e gozo (Amaral, 2000; Guarinello, 2001; Teixeira; Couto, 2010). Não se nega o que se vive, mas se reelabora agruras e vicissitudes em festa. E estas vivências se processam no exercício da caminhada e da exploração a esmo da *deambulação* (Benjamin, 2007, 2023; Debord, 1997,

2006), libertando-se do controle cotidiano e fazendo do movimento um experimento que de atrito combina corpo e espaço (Bachelard, 1993, 2006).

Ana, Bruna, Carlos e Daniel iniciaram a participação das festas dialogando sobre fatos e acontecimentos aflitivos ou de ordem funcional de seus cotidianos. As pautas evoluem e se perdem na medida em que a errância pelos espaços de festa inicia. A tonicidade das agruras e afazeres diários torna-se paulatinamente motivo de riso e se perdem entre memórias nostálgicas e outras partilhas balizadas pelas paradas para consumo e proveito dos espetáculos. O movimento deambulatório torna-se paralelo ao movimento dos sentidos perdidos entre estímulos e fitos pela exposição às artes.

A dimensão do *consumir* incorpora as práticas e processos de consumo conspícuos à festa. O consumo entendido como transferências simbólicas de base material (McCracken, 2010), marcado por intercursos relacionais (Miller, 2013), estruturante da linguagem social e da diferença (Barbosa; Campbell, 2006) e ancorado em regimes sógnicos e ritualísticos (Perez, 2020) encontra no sujeito festa e na rua (Brandão, 1989; Magnani, 2003) um campo de convergência destes sentidos.

Os *usos e ocupações* dos espaços fixos da cidade que alternam sua funcionalidade para abrigar a festividade tornam a materialidade urbana um arena sócio-afetiva (Deleuze, 1997; Deleuze; Guattari, 1992), transformando as formas relacionais da cidade em meios de ludicidade e socialidade (Lynch, 2011). Isto se consolida a partir das práticas e formas que a sociabilidade festiva assume, marcada por afetos derivados do encontro, da cultura celebrada e da cidade como testemunha do cotidiano consubstancial aos sujeitos (Bezerra, 2008; Le Breton, 2016, 2019; Monteiro, 2004). Portanto, o consumo aciona *afecções* não apenas nas mediações simbólicas de produtos, mas também da cidade.

Nessa dinâmica, encontro meus interlocutores e outros foliões como aqueles que costuram as temporalidades e espacialidades da festa nas andanças que lhes são naturais. A cada volta e errância no espaço de festa, novos sentidos são impetrados, reinterpretando os cantos da rua, as hostilidades urbanas e as edificações que testemunham o movimento. Ana e Daniel caracterizaram as festas como o ápice de uma carnavalização montes-clarense para se reconhecer e se realinhar.

Predileções por cantinhos específicos, as inquietudes da não permanência e o cruzamento da multidão vão criando usos e ocupações novos de um mesmo espaço em looping, mas que se revela sempre novo no acontecimento festivo. Bruna e Carlos

ressaltaram, nesse sentido, que a cada ano um canto novo se descobre. Reclamando das dores nos pés, os dois afirmaram ainda que o “catopê”¹⁵ é corpo, carne, cansaço e paixão.

As afecções da dimensão anterior são importantes para a instauração da dimensão do *experimental* deriva da conjunção das vivências partilhadas no laço social e dos afetos socioespaciais, tornando-as comuns. A experiência se define a partir do conteúdo vivencial alinhavado às narrativas tecidas nos comuns coletivos (Leal, 2023). Isto se dá a partir da formação de lugaridades no corpo festivo feito cartografia e no conjunto urbanístico que o assiste, produzindo *territorialidades* da festa, da cultura, do encontro. Estas territorialidades abrigam uma série de *partilhas* das formas de se pensar a subjetividade, a coletividade, a espacialidade e a cultura em festa.

No avançar das horas, é comum observar o inebriar-se dos foliões, mas não decorrente das bebidas ou das danças. As experiências de encontros de amigos residentes e migrantes são marcadas por memórias nostálgicas, produções fotográficas para as redes sociais e catarses musicais, a partir do cancionário regional¹⁶. Esses são momentos expressivos de comunhão entre os foliões, cuja cultura material é sempre presente com adereços de fitas e capacetes emulados das indumentárias folclóricas e do consumo de comidas regionais e bebidas.

Por fim, a dimensão do *fabular* se define pelos múltiplos exercícios imaginativos, utópicos e sociais avalizados pelas afecções e experimentações do gozo festivo. Fabula-se como ferramenta político-estética (Marques, 2023; Rancière, 2009) dos signos da festa e do espaço, pensando subjetividades e coletividades em projeto para além das cercanias heterotópicas da duração festiva. E aqui o consumo se revela não apenas como um modo conspícuo, mas como um consumo de lugares tácitos, circunscritos, mas lugares intervalares, imaginados, fabulares (França, 2012).

No exercício da fabulação, as imagens da festa e da cidade se tensionam em imagens de projeto, se constituindo de ferramenta política e contestatória da realidade, afeita às manufaturas do real. Aqui, a *comunicação* se realiza na combinação das vivências tornadas experiências (Leal, 2023) e nas afecções tornadas afetos viventes que se partilham no campo

¹⁵ As Festas de Agosto e o Festival Folclórico são frequentemente reduzidos ao termo catopê ou catopês como chamamento, o que é amplamente compreensível entre os habitantes. O termo designa um dos grupos folclóricos de cortejo, mas acabou por popularmente tornar-se expressão metonímica das festividades.

¹⁶ O repertório de A Outra Banda da Lua e do Grupo Raízes são ápices das apresentações musicais. As canções *Cavalaria*, *Serra do Mel* e *Na roça* da primeira banda e *Desentoadado* da segunda são as predileções.



da recreação que se expande dos signos da frivolidade para os signos políticos que agenciam a cidade e reclama a potência dos sujeitos ordinários na produção da cidade (Agier, 2011; Machado; Brandão, 2020).

Carlos comenta que é triste perceber que o investimento público nas festas não acompanha seu crescimento e dimensão. Ana reclama do calendário da cultura em que não apenas agosto fosse expressivo, mas o ano inteiro. Já Daniel, diz que é preciso cuidar da memória para que a cultura não seja expropriada até se tornar esquecida das origens. Por fim, Bruna conclui que as festas são a maior prova de que a cultura da cidade dorme, mas está sempre viva e que o povo precisa disso. Todos os votos dos interlocutores migram da recreação para uma noção de projeto da cidade.

O exercício fabular das festas gera confissões na festa e após seu desfecho. Muitos foliões reservam os últimos minutos de domingo para publicar conteúdos nas redes sociais como manifestos da cultura da cidade e como as festas são refrigerios. Os sujeitos contestam investimentos, reivindicam valor à memória, protestam apropriações, mas anseiam ampliações, pensam em oportunidades, discutem possibilidades. A cidade é (re)pensada na festa.

Essa partilha comunicante se processa entre os sujeitos foliões no episódio da festa, mas convergem na longa duração do afeto ritualizado. Assim, a comunicação da festividade partilhada torna-se prática de cidadinidade: um modo de ver, ler, pensar, viver e fazer cidade. Estas ideias fabulares, comunicacionais e cidadinas se processam a partir da totalidade social da festa na cidade que é consumida. Este é o consumo da cidade. Uma consumação acionada pela descarga vivencial da festa que encontra na cidade - carne e pedra (Sennett, 2014) - seu ocaso.

Tal exercício é uma manifestação de *cidadinidade*. Esta prática ordinária e astuciosa de conceber e intervir sobre a produção da cidade (Agier, 2011; 2015; Machado; Brandão, 2020) tem na festa e no constructo do consumo da cidade uma forma de processamento. Então, a festa na cidade produz uma dobra político-espacial, a partir do consumo. Festejar na rua, festejar a cultura popular são expressões capilarizadas do consumo na rua e do consumo da rua. Portanto, o consumo assinala sua cidadinidade (Santos, 2025c) atravessado dos sistemas urbanos, marcários, simbólicos e sociais.

No findar das festas, marcado pelo findar das energias físicas, os interlocutores fazem uma revisão da noite e suspiram pela próxima noite ou edição. A ambiência da festa se

arrefece no fluxo, nos ruídos e nos cheiros como se o corpo da cidade refletisse o corpo folião. Há um cansaço patente que paradoxalmente revigora. Alguns seguem para *after*s, outros buscam suas residências. Mas um só é o destino dos sentidos e afetos visceralmente ativados: um consumo da cidade que atualiza e produz a cidade pois sempre haverá festa com o que restar¹⁷.

5. Considerações Finais

As Festas de Agosto e o Festival Folclórico de Montes Claros despontam no passado e no presente como uma celebração multissignificativa da cultura, da memória, da cidade e dos sentidos de pertencimento (re)atualizados e ritualizados no corpo da cidade e no corpo do folião. Na festa urbana, há uma consumação dos brios que anima a ludicidade festiva, mas consome-se ainda a cidade em seus fixos, fluxos, ideários, passado e futuro. Isto nos revela que, na cidade em rugosidades, a festa se revela como uma epopeia de devires e porvires.

Os espaços festivos que adicionam camadas heterotópicas à cidade no mês de agosto são marcados por percursos e experiências comunicativas: da memória para o presente, do folclore para a cidade, da cidade para o folião e dos foliões entre si. Essa dinâmica é catalisada por afecções e práticas de sociabilidade detonadas na chave do consumo que de forma conspícua e mediadora, tornam os festejos uma arena de trocas e produção simbólica praxiológica.

Se compreendemos as festividades como observatórios potentes dos significados que mobilizam e animam a urbe, o consumo é um importante elemento adjutor e tradutor de seus processos e ritos. Na pesquisa, as práticas de consumo se ancoram em um par operatório. Há um consumo na cidade, marcado por enunciações regionais e identitárias circunscritas a produtos e desejos que marcam os percursos festivos. E há também o consumo da cidade, marcado pela ampliação do desejo e da mediação simbólica da festa como exercícios fabulares e confessionais da vida e do cotidiano urbano.

Na festividade, o consumo na cidade se dá ancorado a um consumo da cidade. Os desejos ancorados nas materialidades e afecções de produtos consumidos no itinerário cerimonial da festa são lastros para uma flexão do próprio desejo que se estende na própria

¹⁷ Uma paráfrase adaptada do escritor Francisco Mallmann (2018) do título do livro e do verso de sua autoria: “espécie de promessa, começo de outra coisa. ensaio/ desesperado, esboço ofegante, rascunho nervoso, convite exaltado. implosão./ haverá festa com o que restar”.



noção do corpo em festa e em coletividade que se vale da cidade como seu esteio em uma consumação que é gozo no projeto, na ideação, na utopia, mas também em outros e novos jeitos de fazer cidade.

Há na articulação entre festa, cidade e consumo um dispositivo de cidadinidade que permite aos sujeito conceber outras formas de ver, ler, pensar, viver e fazer cidade, a partir na emancipação que a festividade fornece não apenas ao corpo, mas à moral, à consciência e aos sentidos das amarrações produtivas do cotidiano urbano. A festa é portanto uma ritualidade da qual o consumo se mostra litúrgico. A manifestação deste encadeamento está em gerir a ordem da cidade não apenas nas dores do cotidiano, mas nos prazeres da recreação.

Agosto para montes-clarenses residentes, radicados, migrantes e seus visitantes é um tempo liminar em que encontros fortuitos, passados memoriais, presentes heterotópicos e futuros fabulares se mesclam na substância da cidade que, para o cidadão - este sujeito ordinário que em seu cotidiano produz a cidade - é substância de si. As festividades tradicionais têm nos objetos do consumo uma mecânica sensível de elaborar espaço e tempo, consolidando a categoria como elemento ontológico e epistemológico dos estudos comunicacionais e sociais por excelência.

O trabalho de interlocução com *intimate insiders* aliado à autoetnografia permitiu compreender dinâmicas da festa, da cidade e do consumo que não estão inscritas apenas ao seu caráter transacional ou a comportamentos marcados pelo estereótipo do instante, ou folclóricos. O olhar de perto e de dentro com os olhos e o corpo do pesquisador na partilha dos olhos e dos corpos dos interlocutores criam uma zona de pesquisa que emancipa os métodos e técnicas do cartesianismo que ainda resvala.

Como limitações, este estudo apresenta a interrupção da continuidade da pesquisa em 2024 por indisponibilidade presencial do pesquisador e a mobilização ainda inicial de métodos com um pequeno número. Isto nos leva a indicar como possibilidades futuras a ampliação da artesanaria metodológica com outras abordagens de coletas de dados, expandido a compreensão da festa para outras espacialidades. Outras festividades de rua podem ser investigadas na chave do consumo, a fim de construir um arcabouço teórico-metodológico robusto desta frente de pesquisa.

A imagem partilhada sensivelmente por montes-clarenses de que os ventos anunciam a chegada de agosto e os sons de percussão prenunciam suas festas nos ajudam a perceber práticas de consumo e processos comunicativos como correntes fluidas que atravessam a

produção dos sentidos do cotidiano e ressonâncias da vida que se partilha nas mediações do corpo na/da cidade e seus afetos. Corpo em ritmo, cidade em festa, a gosto do consumo.

Referências

- 184ª Festas de Agosto e 45º Festival Folclórico de Montes Claros. **Minas Gerais.com.br**, 13 ago. 2025. Disponível em: <https://minasgerais.com.br/pt/eventos/montes-claros/festas-de-agosto>. Acesso em: 7 jan. 2026.
- AGIER, M. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- AGIER, M. Do direito à cidade ao fazer-cidade: o antropólogo à margem e ao centro. **Mana**, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015.
- AMARAL, R. As mediações culturais da festa "à brasileira". **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, v. 40, n. 1-2, 2000.
- ANDRÉ, M. G. **Consumo e identidade**: Itinerários cotidianos da subjetividade. São Paulo: DVS, 2006.
- BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- ARRUDA, M. A. N. **A embalagem do sistema**: a publicidade no capitalismo brasileiro. São Paulo: EdUSP, 2015.
- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARBOSA, L. **Sociedade do consumo**. São Paulo: Zahar, 2004.
- BATUQUE de Catopê. Intérprete: A Outra Banda da Lua. Compositores: Marina Sena e Matheus Bragança. Montes Claros: Maurício Gabriel Mastering, 2021.
- BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- BENJAMIN, W. **Rua de mão única**. Infância berlinense: 1900. Tradução de João Barrento. São Paulo: Autêntica, 2023.
- BEZERRA, A. C. A. Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. **Espaço e Cultura**, UERJ, n. 23, p. 7-18, jan./jun. 2008
- BRANDÃO, C. R. **A cultura da rua**. São Paulo: Papirus, 1989.
- BRANDÃO, C. R. **Memória Sertão**: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão. São Paulo: Cone Sul; Uberaba: Editora Uniube, 1998.
- BRILHO DE LEÃO. Intérprete: Rosa Neon. Compositores: Luiz Gabriel Lopes e Marina Sena. Belo Horizonte: Vinyl Land Records, 2019. Disponível em: <https://abrir.link/BuJWp>. Acesso em: 5 jan. 2026.
- BRITO, A. C. **Catopês**: histórias de lutas e formação de identidade em Montes Claros-MG. 2014, 221f. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Escola de Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.
- BRITTO, F.; JACQUES, P. Corpo e cidade – coimplicações em processo. **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v.19, n.1 e 2, p.142-155, jan./dez 2012.
- CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

- CANEVACCI, M. **A cidade polifônica**: ensaios sobre a Antropologia. 2. ed. São Paulo: Nobel, 2011.
- CASTELLS, M.; BORJA, J. As cidades como atores políticos. **Revista Novos Estudos**, n. 45, jul. 1996.
- CASTRO, M. R. N. Etnografia sensorial e experiência sensível: experienciando a carne do mundo. **Amazônica - Revista de Antropologia**, v. 13, n. 1, p. 289-310, 2020.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. v. 1.
- CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano II**: morar, cozinhar. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- COSTA, C. L. Festa e cidade: contribuições para o entendimento das espacialidades contemporâneas. **Espaço em Revista**, Catalão, v. 14, n. 2, 2012.
- COSTA, J. B. A. **Mineiros e baianos**: a configuração do englobamento, da exclusão e do entre-lugar em Minas Gerais. Montes Claros: Unimontes, 2017.
- COSTA, J. B. A. **Norte de Minas**: cultura catrumana, suas gentes, razão liminar. Montes Claros: Editora Unimontes, 2021.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEBORD, G. Teoria da Deriva. **Revista Internacional Situacionista**, n. 2, 2006. Disponível em: <https://bibliotecaanarquista.org/library/guy-debord-teoria-da-deriva>. Acesso em: 24 dez. 2025.
- DELEUZE, G. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia - v.4. Trad. Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DENZIN, N. Autoetnografia interpretativa. **Revista Investigación Cualitativa**, v. 2, n. 1, p. 81-90, 2017.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulus, 2001.
- FERNANDES, N. N. **Escolas de Samba**: sujeitos celebrantes e objetos celebrados. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 2001.
- FESTAS de Agosto começam em Montes Claros e propõe o resgate das tradições. **G1 Grande Minas**, 15 ago. 2018. Disponível em: <https://encurtador.com.br/oAzH>. Acesso em: 7 jan. 2026.
- FESTAS de Agosto 2025: Festejos reafirmam a preservação das tradições e a valorização da cultura popular. **Revista Tempo**, Montes Claros, 19 ago. 2025. Disponível em: <https://encurtador.com.br/NtBv>. Acesso em: 7 jan. 2026.
- FONTENELLE, I. A. **Cultura do consumo**: fundamentos e formas contemporâneas. São Paulo: FGV, 2017.
- FOUCAULT, M. Outros espaços. In: _____. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Ditos e Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 411-422
- FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- FRANÇA, I. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares**. Homossexualidade, Consumo e Subjetividades na Cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- FRANÇA, I. S.; BARBOSA, M. C.; SANTOS, S. F. R. Policentralidade em cidades médias: apontamentos sobre Montes Claros-MG. **Revista da ANPEGE**, v. 20, n. 41, p. 1-33, 2024.

FREITAS, S. C. A performance visual dos catopês, marujos e caboclinhos em Montes Claros/MG. In: ENCONTRO ASSOCIAÇÃO DOS PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 23, 2014. **Anais**. Belo Horizonte: ANPAP, 2014.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2022.

GOUVEIA, I. Catopês, caboclinhos e marujadas: conheça as tradicionais festas de agosto do Norte de Minas. **Itaú Cultural**, 17 ago. 2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/oKTK>. Acesso em: 7 jan. 2026.

GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, I.; KANTOR, I. (orgs). **Festa cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Ed. Hucitec./Edusp, 2001. v. 2.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**. Cartografias do desejo. 4. ed. São Paulo: Vozes, 1996.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade**: a rede “gaúcha” no Nordeste. Niterói: Ed. EDUFF, 1997.

HAESBAERT, R. Fim dos territórios ou novas territorialidades? In: LOPES, L. P. M. & BASTOS, L. C. (Orgs). **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002a.

HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos**. Niterói: Ed. EDUFF; São Paulo: Ed Contexto, 2002b.

HARVEY, D. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HOWES, D. **The varieties of sensory experience**: a sourcebook in the Anthropology of the Senses. Toronto: University of Toronto Press, 1991.

HOWES, D. The social life of the senses. **Ars Vivendi Journal**, v. 1, n. 3, p. 4-23, 2013a.

HOWES, D. **Ways of sensing**: understanding the senses in society. London: Routledge, 2013b.

IBGE. **Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação com data de referência em 1 de julho de 2025**. Rio de Janeiro: DPE/COPIS/IBGE, 2025. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2025/estimativa_dou_2025.pdf. Acesso em: 12 set. 2025.

INGOLD, T.; LEE, V. **Ways of Walking**: anthropological studies of creativity and perception. Londres: Routledge, 2016.

LEAL, B. S. Notas sobre Comunicação e experiência e suas implicações epistemológicas. In: LEAL, B. S.; MENDONÇA, C. (Org.). **Teorias da Comunicação e experiência**: aproximações. Cachoeirinha: Fi, 2023. p. 67-83.

LE BRETON, D. **Antropologia das emoções**. São Paulo: Vozes, 2019.

LE BRETON, D. **Antropologia dos sentidos**. São Paulo: Vozes, 2016.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. 4. ed. Paris: Anthropos, 2000.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Tradução de Cristina C. Oliveira. Itapevi: Nebli, 2016.

LEITE, R. F. C.; SOARES, B. R. De Arraial das Formigas à Princesa do Norte. **Geofronter**, v. 1, n. 4, 2018.

LENINHA. **Coração pegando fogo, são as FESTAS DE AGOSTO!** Montes Claros, 16 ago. 2025. Instagram: @leninhamoc. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DNatu53OSF3/>. Acesso em: 7 jan. 2026.

LEPECKI, A. Coreopolítica e coreopolícia. **Ilha (Revista de Antropologia)**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 41-60, jan./jun. (2011) 2012.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MACHADO, G. M. C.; BRANDÃO, L. Os movimentos do fazer-cidade: reflexões sobre uma utopia cidadina. **Indisciplinar**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 212-234, dez. 2020.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2003.

MALLMANN, F. **Haverá festa com o que restar**. Bragança Paulista: Editora Urutau, 2018.

MALVEIRA, R. R. **Os Catopês de São Benedito em Montes Claros**: rastros de uma ancestralidade mineira negra e festiva. 2011. 155f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas), Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

MARQUES, A. C. S. O desmedido momento e a montagem da cena nas bordas da fabulação e do inesperado em Jacques Rancière. **DoisPontos**, v. 19, n. 3, 2023.

MARTINS, L. M. **Afrografias da Memória**: o reinado do rosário do jatobá. São Paulo: Perspectiva, 1997.

MARTINS, L. M. Performances do tempo e da memória: os congados. **O Percevejo – Revista de Teatro, Crítica e Estética**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 12, p. 68-83, 2003.

MARTINS, S. **Congado, Família de Sete Irmãos**. Belo Horizonte: SESC, 1988.

MCCRACKEN, G. **Cultura e consumo**: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

MÊS de Cores na Avenida. Intérprete: A Outra Banda da Lua. Compositores: Edson Lima e Karla Celene Campos. Montes Claros: Guella Music, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L3XytwlyEUM>. Acesso em: 5 jan. 2026.

MILLER, D. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MONTEIRO, D. A. O sujeito do consumo e os laços afetivos. **Cógito**, Salvador, v. 6, 2004.

MONTESCLAREOU. Intérprete: Tino Gomes. Compositores: Tino Gomes e Georgino Júnior. Belo Horizonte: Bemol, 1980. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/3QIOD9iSDXPheCxB3tEZ?si=4872dc484bcd4be5>. Acesso em: 5 jan. 2026.

MONTES CLAROS. **Decreto nº 649, de 10 de março de 1983**. Institui o Festival Folclórico de Montes Claros. Montes Claros, 10 de março de 1983.

MONTES CLAROS. **Termo de Fomento 26/2018**. Promover e realizar a programação religiosa da 179ª edição das Festas de Agosto. Montes Claros: Secretaria de Cultura, 2018. Disponível em: https://marcoregulatorio.montesclaros.mg.gov.br/termo-de-fomento/termo-de-fomento-262018_17_06_08_11_2018. Acesso em: 8 jan. 2026.

MUMFORD, L. **A cidade na História**: suas origens, transformações e perspectivas. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NASCIMENTO, S. A cidade no corpo: diálogos entre corpografia e etnografia. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 19, maio 2016.

PAULA, H. A. **Montes Claros**: sua história, sua gente e seus costumes. 3. ed. rev. e ampl. Montes Claros: Editora Unimontes, 2025.

PEIXOTO, M. C. L.; BRANDÃO, V. B. G. Festas de Agosto em Montes Claros e hibridismo: entre permanências e reelaborações. **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP**, Recife, PE, Brasil, v. 6, n. 1, p. 007–020, 2016.

PEREIRA, A. M. **Cidade média e região**: o significado de Montes Claros no norte de Minas Gerais. 2007. 351f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

PEREZ, C. **Há limites para o consumo?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2020.

PESSOA, S. C. Travessias científicas: vulnerabilidades nossas em terra firme ou mar revolto. In: SARAIVA, L. A. S.; PESSOA, S. C.; MANTOVANI, C. M. C. A. (Org.). **Metodologias vulneráveis**. Cachoeirinha: Fi, 2023. p. 46–106.

PINK, S. **Doing Sensory Ethnography**. London: Sage Publications, 2009.

POMPEU, B.; DOMINGUES, I. A embalagem do novo sistema: consumos, identidades e ativismos em um mundo em disputa cada vez mais complexo. **Revista Eptic**, São Cristóvão, v. 27, n. 3, p. 56–70, 2025.

PRIORE, M. D. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Ed Brasiliense, 2000.

PRYSTHON, A. **Utopias da frivolidade**. Ensaios sobre cultura pop e cinema. Recife: Cesárea, 2014.

QUEIROZ, L. R. S. Catopês, Marujos e Cabloquinhos no contexto social de Montes Claros: uma história de música, festa, devoção e fé. **Revista Verde Grande: Geografia e Interdisciplinaridade**, Montes Claros, v. 1, n. 2, p. 28–53, 2005a.

QUEIROZ, L. P. S. **Performance musical nos Ternos de Catopês de Montes Claros**. 2005. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005b.

QUEIROZ FILHO, A. C. A cidade e a fabricação do sensível na sobremodernidade. **Mercator**, Fortaleza, v. 15, n. 3, jul-set. 2016.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**: estética e política. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROCHA, E. **Comunicação, consumo e espaço urbano**: novas sensibilidades nas culturas jovens. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SANTOS, G. S. A cidade, a margem e o consumo: notas sobre consumo e cidadinidade. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL A MORAL DO ESTADO POR MEIO DA PROMOÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 6, 2025. **Anais**. Montes Claros: PPGDS/Unimontes, 2025a.

SANTOS, G. S. Da cidade às redes, sociabilidades e virtualizadas urbanas: um percurso etnográfico digital pelas Festas de Agosto. **Ponto Urbe**, São Paulo, Brasil, v. 33, n. 1, p. e243957, 2025b.

SANTOS, G. S. Entre o episódio e a flutuação: as territorialidades episódicas e as identidades flutuantes das Jornadas de Junho de 2013. **Geofronter**, Campo Grande, v. 8, p. 1-20, 2022.

SANTOS, G. S. Pode o consumo ser cidadão? Entre sociabilidades, mediações, órteses e próteses em Montes Claros/MG. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 34, 2025. **Anais do 34º Encontro Anual da Compós**. Curitiba: Compós, UFPR, 2025c.

SANTOS, G. S. Vende-se o eu e a cidade: a plasticidade da paisagem e dos rituais de consumo em Montes Claros/MG. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 34, 2024. **Anais da 34º RBA**. Belo Horizonte: ABA e FAFICH/UFMG, 2024.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, G. S.; CUNHA, M. G. C.; PEREIRA, A. M. Na rua e na memória: junho de 2013 e as dinâmicas anamnésicas. **Perspectiva Geográfica**, v. 13, n. 19, p. 117–124, 2018.

SARAIVA, L. A. S. Sobre metodologias vulneráveis. In: SARAIVA, L. A. S.; PESSOA, S. C., MANTOVANI, C. M. C. A (Org.). **Metodologias vulneráveis**. Cachoeirinha: Fi, 2023. p. 19-45.

SENNETT, R. **Carne e pedra**. O corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

SERPA, A. **Lugar e mídia**. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, C. F. L. **Corredor cultural “Padre Dudu”**: dinâmicas, conflitos e os atores do espaço em Montes Claros/MG. 2024. 119f. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública e Sociedade) - Universidade Federal de Alfenas, Varginha, 2024.

SODRÉ, M. **A ciência do comum**: notas sobre o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

SOUZA, L. F. D.; LAURENTIZ, L. C. A cidade como espaço de festa: uma leitura sobre as Festas de Agosto e o Festival Folclórico de Montes Claros (MG). **Ponto Urbe**, v. 30, n. 1, jul. 2022.

TAVARES, F. Por uma teoria da consumação: correspondências entre comunicação, consumo e imaginário. **Signos do Consumo**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 92-104, 2018.

TAYLOR, J. The intimate insider: negotiating the ethics of friendship when doing insider research. **Qualitative Research**, v. 11, n. 1, p. 3-22, fev. 2011.

TEIXEIRA, V. L.; COUTO, L. F. S. A cultura do consumo: uma leitura psicanalítica lacaniana. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 3, p. 583-591, jul./set. 2010.

TRINDADE, E.; ANNIBAL, S. F. Os efeitos do espaço na enunciação midiática da publicidade. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, n. 7, 2011.

TRINDADE, E.; PEREZ, C. Os rituais de consumo como dispositivos midiáticos para a construção de vínculos entre marcas e consumidores. **Alceu**, v. 15, n. 29, p. 157-171, jul./dez. 2014.

WISNIK, G. Utopia e fabricação da cidade. **Revista Sexta-Feira**, São Paulo, v. 6, 2001, p. 85-102.